

# Música e literatura

Por Rudesindo Soutelo (\*)

As nove filhas de Zeus e de Mnemósine (deusa da memória), passaram de ser ninfas dos rios a integrar um coro feminino acompanhado pela lira de Apolo para deleite do divino Olimpo grego. Estas nove deusas foram chamadas de musas e daí procede a palavra 'música' (*musiké téchno*) que significa a arte das musas.

Mas as funções e atributos das nove musas eram muito diversificadas, assim, Calíope inspirava a eloquência; Clío tratava da história; Erato sugeria a poesia lírica; Euterpe insinuava o verso erótico; Melpômene inflamava a tragédia; Polímnia iluminava os hinos sacros; Tália ilustrava a comédia; Terpsícore adornava a dança; e Urânia derramava luz sobre a astronomia. Nas origens gregas a música seria, pois, muito próxima do que no século XIX Richard Wagner concebia como a obra de arte total. A música era, também, uma extensão dos sentidos no tempo e no espaço. Mas tudo isso não invalida a perspectiva semiótica, a que considera a música e as artes como sistemas de linguagem diferenciados.<sup>1</sup>

O som da palavra e o som da música podem ter um mesmo berço mas em todas as culturas se afirmaram como realidades separadas. Não há unanimidade em quanto a qual dessas duas realidades sonoras assumiu a

função de modelador primário na história intelectual da humanidade. São muitos os autores que lhe pressupõem à linguagem verbal processos cognitivos mais apropriados para essa função mas não faltam os que acreditam ser a música a que melhor se adapta. Assim, o etnomusicólogo John Blacking, num artigo incluído no livro *The Sign in Music and Literature*, sustenta que ao tentar compreender as estruturas elementares do pensamento humano, conclui-se que a música é mais adequada que a linguagem verbal para revelar as exigências puramente estruturais de um sistema de símbolos.<sup>2</sup>

O livro *O estilo e a ideia* – uma compilação dos artigos que o compositor Arnold Schoenberg foi escrevendo ao longo da sua vida – abre com um texto publicado em 1912 onde afirma que são poucas as pessoas capazes de compreender, em termos puramente musicais, o que a música expressa. Supõem-se que uma peça musical deve conter imagens duma outra espécie e quando estas não se manifestam considera-se que a obra carece de valor. Schoenberg atribui esta fraca capacidade de compreensão a uma mediocridade intelectual.<sup>3</sup> Não obstante, no final do livro faz um esclarecimento sobre a interpretação de obras musicais com texto, no sentido de que a expressão de ambos –

música e texto— devem sumar-se e não contradizer-se<sup>4</sup>. Mas a música e a literatura —seja esta em prosa ou poesia— podem expressar a mesma coisa? Não faço ideia como, utilizando a linguagem puramente musical, eu possa pedir um copo de água fresca.

O mais temido crítico musical do século XIX, Eduard Hanslick, na sua obra *Do Belo Musical* afirma, com argumentos científicos, que os sentimentos não são o conteúdo da música<sup>5</sup>, e conclui que na música ‘conteúdo’ e ‘forma’ são a mesma coisa: os próprios sons<sup>6</sup>. Daí que para Hanslick as emoções na música sejam efeitos secundários da linguagem formalista.

Neste percurso pelos encontros e desencontros da música e a literatura, Ricardo Barbosa, num ensaio sobre Música, racionalidade e linguagem, esclarece que “Um ouvido musical —na sua forma ideal— seria um ouvido que ‘pensasse’ musicalmente”<sup>7</sup>, pois o que a música comunica é simplesmente música.

A música parte da abstração formal para construir uma narrativa simbólica. A literatura parte do concreto, da representação, para aventurar-se

temporariamente na abstração. Ambas fazem percursos contrários mas no caminho cruzam-se e relacionam-se. Desse contacto artístico entre a música pura e a literatura, Calvin Brown reconhece três modalidades de expressão: a) a música na literatura; b) a literatura na música; e c) a literatura e a música<sup>8</sup>.

Os antigos gregos eram verdadeiramente sábios quando a tudo isso lhe chamaram simplesmente música.

(\*) *Compositor e Mestre em Educação Artística.*

© 2011 by Rudesindo Soutelo

(<http://www.soutelo.eu>)

(Vila Praia de Âncora: 27-V-2011)

<sup>1</sup> Ribeiro de Oliveira, S. (2002). *Literatura e música*. S. Paulo: Perspectiva, p. 28.

<sup>2</sup> Blaking, J. (1981). The Problem of 'Ethnic' Perceptions in the Semiotics of Music. In W. Steiner (Edi.), *The Sign in Music and Literature* (pp. 184-194). Austin: University of Texas Press, pp. 185-186.

<sup>3</sup> Schönberg, A. (1963). *El estilo y la idea*. Madrid: Taurus, p. 25.

<sup>4</sup> *Ibid.* pp. 278-280.

<sup>5</sup> Hanslick, E. (2002). *Do belo musical*. Lisboa: Edições 70, p. 23.

<sup>6</sup> *Ibid.* p. 101.

<sup>7</sup> Barbosa, R. (2007). Música, racionalidade e linguagem. In R. Duarte, & V. Safatle, *Ensaio sobre música e filosofia* (p. 15-36). São Paulo: A. E. Humanitas, p. 17.

<sup>8</sup> Brown, C. S. (1948). *Music and Literature. A Comparison of the Arts*. Athens: University of Georgia Press.

Publicado em:

**A Aurora do Lima** (Viana do Castelo), Ano 156 nº 44, 8-VI-2011, p. 6

**As Artes entre as Letras** (Porto), nº 55, 27-VII-2011, p. 17 (<http://www.artesentreasletras.com.pt>)

**PGL** (Galiza), 10-VI-2011 (<http://www.pglingua.org/opiniom/artigos-por-data/3592-musica-e-literatura>)

**Estudo Geral** (Lisboa), 14-VI-2011

(<http://luis-eg.blogspot.com/2011/06/musica-e-literatura-por-rudesindo.html>)